

Peças corais *a cappella*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO
MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Dinorá de Carvalho

Peças corais *a cappella*

Organização e apresentação
Flávio Carvalho

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C253p Carvalho, Dinorá de, 1895-1980.
Peças corais a cappella / Dinorá de Carvalho; organização: Flávio
Carvalho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Carvalho, Dinorá de, 1895-1980. 2. Música – Brasil – Séc. XX.
3. Canto coral. 4. Compositores – Brasil. I. Carvalho, Flávio. II. Título.

CDD – 780.981
– 782.5
– 780.92

ISBN xxxxx

Copyright © Dinorá de Carvalho
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste material são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

O sucesso do projeto que culminou nesta organização só foi possível graças ao apoio, à colaboração e à confiança de tantas pessoas que acreditaram nele, mesmo quando era apenas um punhado de palavras escritas em um papel, tão longe ainda da realidade de sua concretização. Por isso, agradeço a toda a equipe do Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural (Ciddic) da Unicamp.

Agradeço também, pelo apoio sempre incondicional, à professora doutora Adriana Girola Kayama, que auxiliou nas revisões deste livro, a Nilceia Baroncelli e a Sérgio Roberti de Nucci, que muito contribuíram com a troca de informações e o entusiasmo no desenvolvimento desta edição.

Faço ainda um agradecimento especial ao doutor Pedro Luiz Vergueiro, sobrinho-neto de Dinorá de Carvalho, que, ao longo de tantos anos, vem acompanhando e apoiando meu trabalho com o acervo dessa compositora.

À minha família, Cháritas, Isabela, Daniel e Marcos, agradeço pelo fato de ser o esteio que me sustenta neste mundo e que me impele a prosseguir, apesar de tantas adversidades.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Sumário

Apresentação	9
Dinorá de Carvalho: breve biografia	11
As obras corais de Dinorá de Carvalho	13
Transcrição fonética dos textos das obras corais de Dinorá de Carvalho	19
Peças corais de Dinorá de Carvalho para coro SATB <i>a cappella</i>	27
<i>Acalanto</i>	28
<i>Ou-lê-lê-lê!</i>	31
<i>A procissão de cinzas em Pernambuco</i>	38
<i>Caramurus da Bahia</i>	46
<i>Ave Maria</i>	54
<i>Boi Tungão</i>	57
<i>Angorô</i>	61
<i>Olorigena (Omulu)</i>	66
Aparato crítico	71
Bibliografia	73

Apresentação

Flávio Carvalho

Esta edição das obras corais de Dinorá de Carvalho representa uma nova conquista na divulgação do *corpus* de composições dessa grande artista brasileira. Este trabalho não poderia ocorrer sem o apoio da equipe de pesquisadores, técnicos e direção do Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural (Ciddic) da Unicamp, que trabalha para a preservação de grande parte da obra musical dessa compositora – cuja maioria ainda permanece manuscrita.

Neste livro constam oito obras corais:

- *Acalanto*, de 1933;
- *Ou-lê-lê-lê!*, de 1936;
- *A procissão de cinzas em Pernambuco*, de 1936;
- *Caramurus da Bahia*, de 1936;
- *Ave Maria*, de 1938;
- *Boi Tungão*, de 1950;
- *Angorô*, de 1966;
- *Olorigena (Omulu)*, de 1966.

Dentro da criação musical de Dinorá de Carvalho, sempre muito conectada com seu tempo e alinhada às vanguardas do século XX, percebemos, nas obras corais presentes nesta edição, sua preocupação com os efeitos vocais inusitados, o trabalho com o texto de forma lúdica e provocativa, e as particularidades da dinâmica em função do texto e das alturas nas vozes do coro.

Para nosso trabalho editorial, optamos por estabelecer uma edição da obra com base em critérios científicos embasados na Ecdótica e na Crítica Textual, a partir de documentos manuscritos autógrafos, cópias manuscritas e outros, visando divulgar a obra da compositora com uma revisão minuciosa dos documentos encontrados, observando suas características e avaliando possíveis erros, incongruências e modificações que por acaso pudessem ser identificados.

Decidimo-nos pela edição interpretativa, na qual o editor tem o maior grau de mediação dentre as metodologias editoriais, desenvolvendo a uniformização gráfica das obras trabalhadas, aproximando o texto final a um público amplo e, além disso, oferecendo “ao público um texto mais apurado, na medida em que os elementos estranhos à sua presumível forma genuína vêm claramente assinalados”.¹

Atentamos para o fato de que certas uniformizações feitas por nós – por exemplo, a uniformização de dinâmicas e outros aspectos técnicos e interpretativos presentes na escrita dos documentos utilizados como modelos nesta edição – podem levar à fixação de apenas uma das leituras possíveis do manuscrito, sendo essa uma das razões pelas quais essa técnica editorial se chama interpretativa.

O leitor encontrará aqui uma breve biografia da compositora Dinorá de Carvalho, informações sobre as obras presentes neste livro, a transcrição dos textos musicados, as partituras completas de cada obra e um aparato crítico indicando as decisões editoriais tomadas ao longo dos trabalhos de edição.

Para maior divulgação desse repertório, atualizamos a ortografia dos textos segundo o Acordo Ortográfico de 2009 e apresentamos uma transcrição fonética deles, em acordo com as Normas de Pronúncia do Português Brasileiro Cantado estabelecidas em 2005,² utilizando o *International Phonetic Alphabet* (IPA).

1 Cambraia, 2005, p. 97.

2 Kayama *et al.*, 2007.

Dinorá de Carvalho: breve biografia

*Flávio Carvalho
Maria Lúcia Pascoal
Tadeu Taffarello*

Nascida em Uberaba, Minas Gerais, em 1^o de junho de 1895, foi batizada como Dinorah Gontijo de Carvalho, porém, artisticamente, ficou conhecida como Dinorá de Carvalho, nome com o qual assinava suas composições. Ela iniciou seus estudos musicais com o pai, que era músico amador, e, após a transferência da família para a cidade de São Paulo, ingressou no Conservatório Dramático e Musical, onde foi aluna de piano de Maria Lacaz Machado e de Carlino Crescenzo.

Dentre outros nomes importantes da música brasileira, nessa escola, Dinorá de Carvalho foi colega de Mário de Andrade (1893-1945), com quem cultivou uma longa amizade até a morte dele. Formou-se em 1916, aos 21 anos, obtendo nota 10 com distinção em piano. Sua atuação como recitalista valeu-lhe uma bolsa de estudos outorgada pelo Governo de Minas Gerais em 1922, para aperfeiçoar-se como pianista em Paris, com o professor Isidor Philipp (1863-1958). Seu retorno ao Brasil foi em 1924.

Incentivada pelo amigo Mário de Andrade, Dinorá passou a dedicar-se à composição concomitantemente à sua carreira como recitalista e professora de piano. Para tanto, estudou composição com Lamberto Baldi (1895-1979), Martin Braunwieser (1901-1991) e Ernst Mehlich (1888-1977).

Vasco Mariz¹ destaca que, na década de 1930, Dinorá foi uma das fundadoras da Orquestra Feminina de São Paulo, tendo gozado de prestígio na cidade e sido membro fundador da Academia Brasileira de Música. No fim dos anos 1950, associou-se a um grupo de músicos e professores que, com direção do maestro Eleazar de Carvalho, fundou a Academia Paulista de Música, mais tarde transformada na Faculdade Paulista de Arte. Dedicou-se à crítica musical entre as décadas de 1950 e 1970, trabalhando em vários periódicos paulistanos, como a revista *Vanitas*, os jornais *A Noite* – edição São Paulo, *A Folha da Noite* e os *Diários Associados*.

1 Mariz, 2000, p. 208.

Suas obras receberam prêmios nacionais de grande relevância, entre os quais se destacam o de melhor obra, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), concedido à compositora por quatro vezes; o de melhor obra de câmara em 1969, por sua obra *Contrastes*, para orquestra de cordas, percussão e piano; em 1971, por sua obra *Salmo XXII*, para barítono, harpa, trompa, clarinete, violoncelo, piano e percussão; em 1977, por sua *Sonata nº 1 – Quedas do Iguaçu*, para piano; e o de melhor obra vocal em 1977 por sua *Missa de Profundis*, para orquestra, coro SATB e solistas.

Em 1937, as obras *A procissão de cinzas em Pernambuco* e *Caramurus da Bahia*, para coro SATB,² com textos de Gregório de Matos, foram premiadas em segundo lugar no Concurso de Peças Corais do Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo.

Antonio e Schechter³ destacam que a obra de Dinorá tem, em suas peças iniciais, um caráter nacionalista fortemente influenciado pela música folclórica brasileira e, em suas últimas, passa a um estilo mais contemporâneo, atonal e serial. No *Catálogo de obras* de Dinorá de Carvalho, organizado e publicado por P. Ferreira em 1977,⁴ constam 169 partituras divididas entre: 79 peças para piano solo; 32 canções para canto e piano; 14 duos com piano; 10 peças para coro *a cappella*; 9 peças para orquestra sinfônica; 4 peças cênicas; 2 peças para voz solista e formação camerística; 2 peças para duo de vozes e piano; 2 trios; 2 quartetos de cordas; 2 peças para orquestra e piano solista; 2 peças para orquestra de cordas, percussão e piano; 2 peças para orquestra, coro e solistas; 1 peça para piano a quatro mãos; 1 peça para harpa solo; 1 peça para violão solo; 1 peça para cravo solo; 1 peça para orquestra de cordas; 1 peça para voz solista e orquestra de cordas; e 1 peça para voz solo e orquestra. Há, contudo, no acervo do Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) da Unicamp, peças não incluídas em tal catálogo.

Dinorá de Carvalho faleceu em 28 de fevereiro de 1980.

2 Coro misto: soprano, contralto, tenor e baixo.

3 Antonio & Schechter, 2001, p. 216.

4 Ferreira, 1977.

As obras corais de Dinorá de Carvalho

Flávio Carvalho

As obras para coro *a cappella* de Dinorá de Carvalho, presentes em seu *Catálogo de obras*,¹ formam um *corpus* de dez peças cuja produção compreende da década de 1930 à década de 1970, sendo: *Acalanto*, de 1933; *Ou-lê-lê-lê!*, de 1936; *A procissão de cinzas em Pernambuco*, de 1936; *Caramurus da Bahia*, de 1936; *Ave Maria*, de 1938; *Boi Tungão*, de 1950; *Rochedo Sinhá*, de 1958; *Angorô*, de 1966; *Olorigena (Omulu)*, de 1966; *Quibungo-te-re-rê*, de 1973. Dessa lista, as obras *Rochedo Sinhá* e *Quibungo-te-re-rê* ainda não foram encontradas em nossas pesquisas.

Apresento abaixo uma descrição sucinta das obras presentes nesta publicação:

Acalanto

Com texto de Cleómenes Campos (1895-1968), foi composta em 1933 para solo de soprano e coro SATB, sendo a primeira obra coral de Dinorá de Carvalho. Estreou em 1962, na Discoteca Pública Municipal da cidade de São Paulo, interpretada pelo coro da Sociedade Pró-Música Brasileira, com a regência de Klaus-Dieter Wolff.

Trata-se de uma transcrição para coro de uma obra para canto e piano com o mesmo título, composta no mesmo ano. Essa gênese pode ser observada na organização do conteúdo musical, no qual a linha do canto, presente na canção, está repetida na linha do solo da peça coral na qual o coro reinterpreta – em *bocca chiusa* – as linhas presentes no piano da canção.

Ou-lê-lê-lê!

Composta em 1936, para coro SATB, essa obra apresenta um texto popular de Pernambuco, recolhido por Mário de Andrade e registrado no livro *Ensaio sobre a música brasileira*² nas páginas 101 e 102, como exemplo de maracatu.

1 Ferreira, 1977.

2 Andrade, 2006.

Canto de Maracatú **Ou-lê-lê-lê!** PERNAMBUCO.

♩ = 120.

Figura 1: Trecho recolhido por Mário de Andrade, presente no livro *Ensaio sobre a música brasileira*.

A estreia, de acordo com o *Catálogo de obras*,³ ocorreu em 1937, no Teatro Municipal de São Paulo, com *Ou-lê-lê-lê!* sendo interpretada pelo Coral Paulistano, regido por Camargo Guarnieri. Porém, o periódico *Correio de S. Paulo* de 23 de dezembro de 1936, coluna “Concertos”, noticia a realização de um concerto com a obra em data anterior, no mesmo local, com o mesmo intérprete e o mesmo regente.⁴ Consideramos tratar-se de um engano de datas no *Catálogo*. Vejamos na Figura 2.

Em 1946, essa obra aparece no *Boletín Latino-Americano de Música: Suplemento Musical dedicado integralmente a la creación brasileña*, publicado pelo Instituto Interamericano de Musicología Montevideo, cujo diretor à época, Francisco Curt Lange,⁵ identifica a compositora como uma das grandes promessas da música brasileira naquele momento. Some-se a isso o fato de que é a única mulher entre os compositores apresentados na referida publicação, escolhidos como representantes da música mais moderna que se fazia no Brasil daquela época.

Concertos

Concerto gratuito hoje, no Municipal

O Departamento Municipal de Cultura comemorando as festas de Natal, promoverá ainda este mês, no Theatro Municipal dois grandes concertos públicos, inteiramente gratuitos.

O primeiro, a realizar-se hoje, ás 21 horas, é dedicado á musica de Camara, e está a cargo dos conjuntos instrumentaes e vocaes da Radio-Escola da Municipalidade. O segundo, marcado para a mesma hora, no dia 30 do corrente, será todo dedicado á musica symphonica, e regido pelo distincto maestro patricio Camargo Guarnieri.

O programma do concerto desta noite, é o seguinte:

1.a Parte:
L. Beethoven — Tri em Dó menor; Allegro con brio. Andante cantabile com variazioni. Minuetto (Quasi Allegro) Finale (Prestissimo), Trio S. Paulo.

2.a Parte
Arthur Pereira — a) Tenho um vestido... (Thema popular, arranjo para coro mixto a 4 vozes) — b) Cabocla bonita, (Thema popular, arranjo para coro mixto a 4 vozes).
Dinorá de Carvalho — Du-lê-lê-lê (Coro mixto a 4 vozes).
Francisco Caspary — Nat. 21

Figura 2: *Correio de S. Paulo* de 23 de dezembro de 1936.

3 Ferreira, 1977, p. 13.

4 Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720216&PagFis=10584&Pesq=Dinor%C3%A1%20de%20Carvalho>>. Acesso em 15/1/2020.

5 *Boletín Latino-Americano de Música: Suplemento Musical dedicado integralmente a la creación brasileña*, ano VI, tomo VI. Francisco Curt Lange (org.). Montevideo, Instituto Interamericano de Musicología Montevideo, 1946, pp. 162-167.

A procissão de cinzas em Pernambuco e Caramurus da Bahia

Nilceia Baroncelli, em seu *blog* “Escrevo, logo existo”,⁶ revela-nos que, no ano de 1937, o Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo lançou um edital de concurso para obras corais que fossem constituídas de uma série de pequenas peças sem acompanhamento, cuja minutagem deveria ficar entre oito e dez minutos. Quanto ao texto, deveria ser escolhido entre os presentes na *Satírica* de Gregório de Matos, editada por Afrânio Peixoto em 1933, publicada pela Academia Brasileira de Letras, volumes 4 e 5. A banca examinadora desse concurso foi formada por Agostino Cantù, Arthur Pereira e João de Souza Lima.

As obras *A procissão de cinzas em Pernambuco* e *Caramurus da Bahia* foram agraciadas com o segundo lugar nesse concurso, e é ainda Nilceia Baroncelli que nos revela a data de estreia das obras premiadas pelo concurso, interpretadas pelo Coral Paulistano: 14 de outubro de 1938. Por outro lado, no *Catálogo de obras* da compositora, a data de estreia diverge dessa informação, estando fixada em 1936, no Teatro Municipal de São Paulo, interpretada pelo Coral Paulistano com a regência de Miguel Arqueros. Durante nossa pesquisa não foi possível, porém, encontrar nos periódicos paulistanos a comprovação dessas datas.

Em *A procissão de cinzas em Pernambuco*, o texto relata a procissão da Quarta-feira de Cinzas, festa religiosa católica, como se fazia na cidade do Recife no século XVII, sob o olhar satírico de Gregório de Matos.

Já em *Caramurus da Bahia*, Gregório de Matos apresenta uma visão ferina sobre os ares de nobreza da elite recifense daquela época.

Ave Maria

Escrita a partir de um tema religioso tradicional católico, para solo de soprano e coro SATB em 1938. Segundo o *Catálogo de obras*, a estreia de *Ave Maria* deu-se no mesmo ano na igreja de Santa Cecília, em São Paulo, interpretada pelo Coral Paulistano, regido pelo maestro e compositor Frutuoso Vianna.

O modelo editorial utilizado por nós é uma cópia feita por Nilceia Baroncelli, a partir do manuscrito autógrafa, como podemos ler no rodapé da última página do documento: “Esta obra foi copiada diretamente do original cedido pela autora para a Divisão de Discoteca e Biblioteca de Música pela arquivista artística Nilceia Cleide da Silva Baroncelli”.

Também nesse modelo encontramos a data completa da composição da obra: 23/8/1938.

6 Disponível em <<http://escrevo-existo.blogspot.com/2016/09/os-concursos-musicais-do-departamento.html>>. Acesso em 15/1/2020.

Boi Tungão

Em 1950, a compositora retorna ao tema folclórico para compor *Boi Tungão*. O texto escolhido foi encontrado no livro *Estudos de folclore*, de autoria de Luciano Gallet,⁷ no qual o autor apresenta diversos temas musicais folclóricos recolhidos por ele. O tema utilizado por Dinorá de Carvalho encontra-se na página 85 do referido livro. *Boi Tungão*, exemplo recolhido por Gallet entre 1927 e 1928, representa o gênero popular coco de ganzá. Vejamos abaixo:



Figura 3: *Boi Tungão*: página 85 do livro *Estudos de folclore*, de autoria de Luciano Gallet.

Angorô e Olorigena (Omulu)

Foram compostos em 1966, com textos e melodias recolhidos por Camargo Guarnieri, presentes no livro *Melodias registradas por meios não mecânicos*,⁸ organizado por Oneyda Alvarenga, publicado em 1946 pelo Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo.

7 Gallet, 1934.

8 Alvarenga, 1946, p. 166, nº 174-175 e 179.

O *Catálogo de obras* da compositora não informa a data de estreia dessas duas obras, e nossa pesquisa não logrou encontrar registro de suas apresentações.

Para *Angorô*, Dinorá utilizou-se da melodia e do texto da publicação citada acima, página 166, nº 175, um trecho de caráter religioso do candomblé Angola, recolhido em Salvador.

O trecho apresenta uma cantiga de roda de Angorô – arco-íris, que representa Oxumaré no candomblé Ketu – que leva à possessão. Na canção, o crente pede a bênção ao sacerdote – Ganga.⁹

O tema aparece primeiramente na linha do contralto nos compassos de 4 a 13. A marcação metronômica é a mesma sugerida por Guarnieri. Ainda observamos que há três recolhas distintas, com mesmo título – nº 174, 175 e 179 –, porém variam a melodia e o texto. Observa-se que o informante citado por Guarnieri é o mesmo para as três recolhas.

175
ANGORÔ

Bahia, capital

Candomblé (angola)

Mº = 100

An - go - rô si - nhô kem - bem gan - ga jan - ta - lá

An - go - rô si - nhô kem - bem gan - ga jan - ta - lá

Not. nº 351, Cod. nº 5

Angorô Sinhô kembem ganga janta lá
Angorô Sinhô kembem ganga janta lá

Inf. nº 37.

Figura 4: *Melodias registradas por meios não mecânicos*,¹⁰ organizado por Oneyda Alvarenga, p. 166, nº 175.

O tema musical e o texto de *Olorigena (Omulu)* estão na página 175, nº 191 da mesma publicação, sendo um trecho também de caráter religioso do candomblé Jeje, recolhido em Salvador. Trata-se de um canto para Omulu, no qual o crente canta as qualidades do santo e pede a sua presença.

Há uma única recolha com esse título. Dinorá utilizou-se parcialmente da linha melódica do tema – apenas os 6 primeiros compassos –, mas o texto foi usado de forma completa, iniciando a apresentação do tema de forma integral no coro, nos compassos de 8 a 14 – solo de contralto. A compositora segue de perto a sugestão metronômica de Guarnieri: no tema recolhido, a marcação é semínima 69, e, na obra coral de Dinorá, lemos semínima 66.

9 Barros, 2007, p. 117.

10 Alvarenga, 1946, p. 166, nº 174-175 e 179.

191
OLORIGÊNA
(Omolú)

Bahia, capital Candomblé (gege)

Olorigêna kuadê oloripá
Olorigêna kuadê oloripá

Inf. n.º 37.

Not. n.º 389, Cod. n.º 5

Figura 5: *Melodias registradas por meios não mecânicos*,¹¹ organizado por Oneyda Alvarenga, p. 175, n.º 191.

11 *Idem, ibidem.*

*Transcrição fonética dos
textos das obras corais
de Dinorá de Carvalho*

